

2º Seminário Internacional O Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos Memória e Resistência

Relatório de participação

Rio de Janeiro, 07 de Abril de 2011.

Mazola Barreto de Lima

Renato Lima

Segundo Seminário Internacional O Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos Memória e Resistência, realizado nos dias 30, 31 e 1 de abril de 2011, teve como principal objetivo realizar debates sobre os documentos reunidos pelos arquivos operários, rurais, sindicais e populares, e sobre as particularidades que envolvem o tratamento desses acervos.

Organizadores: Central Única dos Trabalhadores e, no âmbito do Arquivo Nacional, pelo Centro de Referência das Lutas Políticas no Brasil (1964-1965) – Memórias Reveladas. Participaram ainda as seguintes organizações: Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Memória, Universidade Estadual Paulista Centro de Documentação e Memória Sindical, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Núcleo de Documentação sobre os Movimentos Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul, Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região.

Apoio: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

O evento contou com a participação de conferencistas e especialistas nacionais e internacionais, que debateram, a partir de diversas perspectivas disciplinares, assuntos de interesse relacionados aos arquivos dos trabalhadores da cidade e do campo.

Dia 30/11/2011 – Abertura

Após o credenciamento, foi composta a mesa para fazer a abertura dos trabalhos, coordenada por Quintino Severo – secretário-geral da Central Única dos Trabalhadores que, na sequência, fez a sua saudação em nome do presidente da CUT, já que este não pode comparecer. Em seguida, o diretor do Arquivo Nacional fez a sua saudação, na qual destacou a importância do evento. Darby Igayara, presidente da CUT-RJ, ao saudar os participantes do Segundo Seminário, ressaltou a luta dos trabalhadores, suas greves e resistência, bem como a importância dos arquivos dos trabalhadores e sua memória.

Conferências – Arquivos, memória e resistência, cuja coordenação ficou a cargo de Elina Pessanha, do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro da UFRJ. Os conferencistas foram Antonio González Quintana – Archiveros sin Fronteras, Madri – Espanha e Daniel Aarão Reis – Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro

Antonio González Quintana abordou a **"A Evolução histórica dos Arquivos do Movimento Operário"**.

Para González, a guarda dos "vestígios" documentais, sobretudo os deixados em arquivos, só podem ser entendidas a partir de duas explicações antagônicas: trata-se de atuações filantrópicas, por amor a História ou de militância muito próxima do heroísmo. A segunda explicação passa por uma possibilidade de utilizar os documentos como fonte de informação para a repressão política ou como ferramenta para a manipulação da História.

"No caso de resgate de documentos pelas organizações filantrópicas ou de militância, temos de citar em primeiro lugar as surgidas no seio do Movimento Operário. Uma das preocupações era a de não permitir que esses arquivos caíssem nas mãos dos aparelhos repressivos e/ou de pessoas que pudessem identificá-los e localizar "inimigos potenciais". Essas medidas puseram a salvo esses documentos, o que viabilizou sua utilização e sua transmissão às gerações futuras".

Por outra parte, a recuperação e acumulação de documentos das organizações operárias também se deram por motivações totalmente diferentes. A Espanha é um bom exemplo de compilação com finalidade repressiva: o Arquivo Geral da Guerra Civil, hoje integrado ao Centro Documental e da Memória Histórica, hoje conhecido como o "Arquivo de Salamanca".

No pós-guerra espanhol tem lugar uma das particularidades desse processo: os arquivos das direções puderam ser enviados para o exílio. Em contrapartida, não puderam fazer o mesmo com a maioria dos arquivos das suas organizações territoriais, tais como sindicatos e federações de indústria. Tampouco foi possível destruir os documentos. Dessa forma, a repressão atingiu em quase todos os níveis as organizações, desde os dirigentes máximos aos filiados de base.

O arquivo salamantino, ferramenta repressiva de primeira ordem, acabou se convertendo no principal formador de provas documentais para as políticas de reparação e reconhecimentos de direitos das vítimas da repressão. Ao mesmo tempo é uma rica fonte para o estudo do movimento operário espanhol.

Antonio González Quintana disse ainda que o patrimônio documental do Movimento Operário diante de tantas dificuldades é administrado, na atualidade, de maneiras diversas. Em alguns países encontramos apoio pontual de centros universitários, em outros têm sido importante as fundações, redes de arquivos públicos e, por fim, algumas entidades do Movimento Operário em vários países conseguiram construir seus próprios sistemas de arquivos e assumir plenamente a responsabilidade de gestão de seus documentos.

Em seguida, a palavra foi cedida a Daniel Arão Reis, da UFF, que falou sobre a seguinte temática: **Memória e História: contraste e conexões.**

Daniel discorreu sobre a história das lutas dos trabalhadores na chamada primeira república, quando a questão social era tratada como caso de polícia e as organizações dos trabalhadores davam os primeiros passos. Destacou a luta ideológica entre as diversas correntes de pensamentos: anarquismo, trabalhismo, comunismo, socialismo, catolicismo social.

Na prática, Daniel deu uma aula expositiva da história do Movimento Operário e Sindical a partir do início do século vinte, demarcando suas trajetórias políticas em várias fases de regimes de cunho autoritário.

Sua intervenção foi marcada pela questão que ele chamou de conexão (ou de nexos) das classes trabalhadoras com o Estado. Essa configuração tem seu ponto alto no governo de Getúlio Vargas (1930-1946), quando as massas apoiavam a ditadura varguista, estabelecendo uma comparação, com o governo Lula e o atual.

Uma questão bastante polêmica apontada pelo palestrante, é a da mudança de posição da classe trabalhadora ou dos indivíduos. Segundo essa idéia, uma determinada classe pode mudar suas concepções e apoiar um partido ou movimento, que antes era contra.

Exemplificando, disse que hoje não é possível encontrar os eleitores do Fernando Collor ou do Fernando Henrique. Na mesma linha de pensamento, já havia citado os chamados sindicatos amarelos que, para os comunistas e anarquistas, eram traidores. Para Daniel, na verdade essa corrente sindical atuava com outra visão, ou seja, atuava na esfera governamental, onde acreditavam que era possível encaminhar suas reivindicações.

Daniel abordou ainda uma gama imensa de assuntos ligados nossa história recente, tais como "as tradições historiográficas sobre os movimentos sociais em luta pela transformação do país; História oficial e histórias oficiais: do silêncio à visibilidade; As grandes vertentes das lutas sociais: anarquismo, trabalhismo, comunismo, socialismo, catolicismo social etc.

Primeira mesa – O Estado e os arquivos dos trabalhadores

Coordenação: Luiz Anastácio Momesso – Núcleo de Documentação sobre os Movimentos Sociais da Universidade Federal de Pernambuco – Recife.

Debatedores Guillermo Palacios – Centro de Estudos Históricos – Colégio do México – DF – México.

Benito Schmidt – Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre.

A palavra foi franqueada para Guillermo Palacios, que falou sobre o Arquivo Geral Agrário do México e a História das comunidades camponesas. Iniciou a sua fala abordando a luta pela Reforma Agrária nos marcos da Revolução Mexicana de 1910, cujo processo terminou nos anos 90. Discorreu sobre as leis da terra a fim de promover a Reforma Agrária. Segundo o palestrante, desde 1853 aproximadamente, a grande questão era elevar os peões à condição de camponeses, visto que esses trabalhadores viviam em situação de semi-escravidão em relação aos grandes proprietários rurais. De modo geral, falou sobre a organização e o funcionamento do Arquivo Geral Agrário do México, bem como a origem dos seus fundos e as motivações que levaram a sua criação em 1997.

Esse período é marcado por uma sensível diminuição do interesse dos pesquisadores sobre a questão agrária, muitos deles deslumbrados pelo espelho da modernidade urbana como contorno geral do futuro mexicano.

Em seguida falou Benito Schmidt sobre o tema: Um rico acervo documental corre perigo: os processos trabalhistas e os estudos sobre o mundo do trabalho. Schmidt falou sobre o arquivo da justiça trabalhista, cujo acervo corre o risco de se perder em função do tempo de guarda pelo tribunal que é apenas de cinco anos. Falou sobre os processos e suas sentenças e destacou um caso em que um trabalhador foi demitido por que via revista de mulheres nuas durante o expediente. Esse caso foi julgado favorável ao reclamante. Já no próprio tribunal, um homem foi demitido porque acessava site pornográfico. Nesse caso, o juiz entendeu que houve quebra de hierarquia e que o trabalhador teria infringido o código de honra ou da moral dos bons costumes. O mesmo tribunal que absolveu um trabalhador da esfera privada condenou um dos seus servidores em caso semelhante. O acesso a esses documentos é parte importante da luta pela preservação dos arquivos da justiça do trabalho, uma vez que esses documentos podem ser eliminados em cinco anos. Aqui ele citou um fato curioso: uma parte dos arquivos que ia ser destruída, um funcionário procurou tranqüilizá-lo justificando que “não ia queimar” e sim “reciclar” o material. Por aí dá para ser fazer uma idéia do tratamento dado aos arquivos.

Por último, usou a palavra o representante de Portugal, Pedro Penteado, Diretor Geral de Arquivos de Portugal e Universidade Nova de Lisboa, Portugal, cujo tema foi: Estado e organizações sindicais: perspectivas em torno dos arquivos do mundo do trabalho, em Portugal.

A apresentação do Pedro abordou o sistema de arquivos do Estado português e sua relação com as organizações dos trabalhadores. Eis uma transcrição resumida da sua apresentação:

“I) Conhecer o que o Estado português tem feito ou tenciona desenvolver para:

1. apoiar ou realizar o diagnóstico da situação dos arquivos das entidades sindicais de Portugal;
2. apoiar ou proceder ao recenseamento da documentação que se encontra em posse destes organismos ou das entidades que possuem sua custódia;
3. apoiar tecnicamente o desenvolvimento de sistemas de arquivo eficazes e centros de memória arquivística nos próprios sindicatos e entidades afins;
4. proteger os arquivos sindicais, em caso de risco para a preservação do seu patrimônio arquivísticos;

5. recolher e tratar a documentação em arquivos públicos ou outros tipos de entidades;

6. promover a difusão e o uso destes acervos, com vista a defender os direitos dos trabalhadores e alargar a memória do movimento sindical”.

II) Conhecer a atuação de outros organismos, na salvaguarda e valorização destes arquivos.

III) Conhecer as atividades desenvolvidas, projetos, parcerias, apoios recebidos, bem como necessidades e expectativas dos organismos sindicais em relação à gestão da informação arquivística e à constituição da memória documental do seu percurso histórico.

Dia 31/4/2011 – Sessão de comunicações I – Arquivo e memória dos trabalhadores da cidade e do campo

Coordenação: Antonio José Marques – Centro de Documentação e Memória Sindical da Central Única dos Trabalhadores – São Paulo.

O trabalho foi apresentado por André de Araújo, que consiste na implantação e desenvolvimento do Centro de Documentação e Memória do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco e Região (Cedoc-Sindmetal). Solicitamos uma cópia dessa apresentação, pois pela estrutura poderá ser útil para nosso trabalho no Centro de Memória do sindicato.

Sessão de comunicações II – Resistência dos trabalhadores na cidade e no campo.

Coordenação: Inez Stampa – Centro de Referências das Lutas Políticas no Brasil (1964-1985) – Memórias Reveladas – Rio de Janeiro.

Segundo a debatedora, os trabalhos abordam questões atinentes aos arquivos de trabalhadores e/ou organizações políticas e sociais para o conhecimento das formas de resistência e luta por garantia de direitos e para o processo de redemocratização e construção da história recente do país, em especial no que se refere ao regime militar brasileiro.

Segunda mesa – Arquivos sindicais: as experiências internacionais

Coordenação: Ricardo Medeiros Pimenta – Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro.

Palestrantes: Annie Kuhnunch – Confederação Francesa Democrática do Trabalho – Unidade de Documentação Arquivística – Paris – França.

Graciela Córscico – Central dos Trabalhadores Argentinos – Centro de Documentação e Biblioteca – Buenos Aires – Argentina.

Aurélie Mazet – Instituto de História Social da Confederação Geral do Trabalho – Paris – França

Christine Coates – TUC Library Collections – Central Sindical Inglesa e Universidade Metropolitana de Londres – Londres – Inglaterra

A primeira pessoa a falar foi a francesa Annie Kuhnunch sobre **A Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT) e seus Arquivos**. A exposição do trabalho relativos aos arquivos dessa confederação francesa revela uma rede complexa, descentralizada e, ao que parece, bastante prática no que concerne a sua utilização.

Segundo a palestrante, *“Desde sua criação, a Confederação Francesa de Trabalhadores Cristãos, que se tornou em 1964 a Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT), preocupou-se com seus arquivos”*.

No entanto, a CFDT privilegiou a integração e, em 1985, criou seu próprio serviço de arquivos. O conjunto desses arquivos corresponde atualmente a cinco quilômetros lineares de documentos. Esses arquivos são dos seguintes gêneros: textuais (dossiês de congressos,

documentos das secretarias, imprensa, cartazes etc.), documentos sonoros e audiovisuais (entrevistas, filmes realizados pela organização), fotografias, objetos significativos das práticas sindicais. A fim de manter os arquivos próximos às entidades produtoras, nunca se cogitou centralizá-los.

Um fato sintomático na história dos arquivos europeus estão relacionados às duas guerras mundiais e ao processo de regimes autoritários. Um exemplo desse fato foi relatado por Annie na Segunda Guerra Mundial. Os soviéticos ao tomarem a Alemanha levaram os arquivos que pertenciam à França para Moscou. Essa documentação estava sob a guarda do Instituto Marx e Engels nessa mesma cidade. O fundo de Arquivo estava muito bem cuidado, catalogado etc, só que em idioma russo. Mesmo assim, disse ela, arquivo não gosta de mudar de lugar, mas esse sobreviveu graças a essa mudança e, depois de muita negociação, a França conseguiu repatriar essa documentação.

A próxima a falar foi Graciela Córscico sobre a ***Biblioteca CTA: uma experiência documental da classe trabalhadora organizada para a reinterpretação da História.***

Essa experiência é muito interessante, pois não se trata somente de um fundo de arquivo, mas também de uma biblioteca digital. A criação da biblioteca foi criada como parte de uma aposta estratégica que fez a Central dos Trabalhadores da República Argentina – CTA, na sua disputa pela transformação da sociedade. Esse trabalho é fundamental para promover o desenvolvimento das bibliotecas e Centro de Documentação em cada distrito nacional e nas organizações integrantes e tem como missão: dar conta do patrimônio histórico, político e cultural, através da preservação e difusão documental da memória coletiva e institucional.

Aurélie Mazet discorreu sobre Os arquivos do Instituto de História Social da Confederação Geral do Trabalho da França. Aurélie traçou um panorama extenso da situação dos arquivos europeus. Fez distinção das diferentes produções de arquivos, ou seja, os que são de origem dos partidos sociais democráticos, os socialistas, anarquistas e comunistas. Da mesma forma, falou da dificuldade de manter os arquivos por conta das ditaduras, as guerras e ressaltou também a situação do Instituto Marx e Engels em Moscou, que foi desmontado e transformado em outra instituição depois do fim a União Soviética.

Fez uma referencia detalhada sobre a situação dos arquivos em vários países, no qual a Suíça e a Suécia têm uma situação privilegiada em relação aos demais Estados em que a guerras ou ditaduras interferiram nos documentos dos trabalhadores.

Por último fez uso da palavra Christine Coates de Londres, sobre ***Mantendo registro: a preservação dos arquivos sindicais no Reino Unido.*** Christine Coates abordou a história e a metodologia no recolhimento e preservação dos arquivos sindicais no Reino Unido, concentrando-se na Inglaterra e no País de Gales.

Poucos arquivos anteriores a 1825 estão preservados devido à repressão aos sindicatos. As taxas de sobrevivência desses arquivos não melhoraram até o final do século 19. No século 20, arquivos foram perdidos em tempos de guerra, durante mudanças para novos escritórios ou quando sindicatos se fundiram para formar organizações maiores. Hoje, existem novos desafios, como a preservação de arquivos digitais. A formação do acervo teve início em 1922 e atualmente é um grande recurso de pesquisa para o estudo de todos os aspectos da vida sindical.

O acervo contém livros, panfletos, periódicos e outros materiais produzidos a partir da segunda metade do século 19 até os dias atuais.

Dia 1/4/2011 – Terceira mesa – Memória e resistência dos trabalhadores na cidade e no campo.

Coordenação: Leonilde Servolo de Medeiros – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Palestrantes: Maria do Socorro Rangel – Universidade Federal do Piauí –Teresina.

Ludmila da Silva Catela – Arquivo Provincial da Memória de Córdoba e Universidade Nacional de Córdoba – Córdoba – Argentina

José Sergio Leite Lopes – Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.

Maria do Socorro falou sobre a memória das Ligas Camponesas, com o tema **No sangue da Memória**. Foi um discurso emocionante sobre homens e mulheres que lutaram, foram perseguidos, presos, torturados e mortos pela repressão. Aos sobreviventes foi imposto um silêncio pelo medo por terem lutado pela Reforma Agrária nos anos 50 e 60 no Brasil do século passado.

O trabalho de Maria do Socorro está voltado para o resgate da memória oral dessas pessoas que tiveram suas vidas despedaçadas pela repressão, que foram separadas durante anos, como é o caso de uma mulher militante que passou vinte anos sem ver os filhos.

Reconstruir a memória desses lutadores é uma árdua tarefa, pois não há documento e mesmo o documento que é produzido, segundo ela, precisa ser cifrado, disfarçado e, muitas das vezes, praticamente destruído para não deixar pistas dos seus autores.

O esforço de Maria do Socorro é o de dar publicidade às “coleções que ela organizou ao longo dos anos, pois essa documentação precisa estar ao alcance de muitos outros e romper com a condição dos que viviam” “embutidos e assombrados”, no dizer de um camponês.

Ludmila da Silva Catela abordou o tema **Das memórias emblemáticas aos silêncios estratégicos: os usos do passado nas memórias operárias**.

Ludmila fez uma breve referência à última ditadura militar na Argentina, no qual dos 30.000 desaparecidos, 30% eram operários. Por isso, as memórias públicas dominantes não refletem o impacto sofrido pelos trabalhadores. Ludmila levantou uma questão muito importante em relação sobre quem guarda a memória operária, quem a constrói e em que contexto e situações estas memórias são usadas e reutilizadas politicamente.

José Sergio Leite Lopes falou sobre o tema **Entre a memória camponesa e a memória operária: experiências de trabalho com entrevistas e arquivos em territórios comuns aos trabalhadores rurais e aos operários**.

Infelizmente foi uma exposição bastante truncada, talvez excessivamente academicista, embora a temática seja interessante. De modo geral trata-se do projeto coletivo Memória Camponesa, realizado entre 2004 e 2010 pelo Museu Nacional e pelo Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O projeto consistiu em registrar de forma audiovisual depoimentos de lideranças camponesas com atuação entre os anos 1950 e 80, partindo de uma demanda de memória manifestada por antigas lideranças.

Na parte da tarde teve lugar o lançamento de duas publicações:

a) **Retrato da repressão política no campo: Brasil (1962-1985) – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos**, de Marta Cioccarí e Ana Carneiro. Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário e Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

b) **O mundo dos trabalhadores e seus arquivos**, de Antonio José Marques e Inez Terezinha Stampa (org). Rio de Janeiro, Arquivo Nacional; São Paulo, Central Única dos Trabalhadores (edição eletrônica).

As obras foram apresentadas e o primeiro livro foi distribuído aos participantes do seminário. O segundo livro é uma dissertação de Mestrado da autora e estava a venda. Vale registrar que nos dois primeiros dias foram exibidos filmes sobre os trabalhadores e a resistência aos regimes militares.

Por fim foi realizada a Plenária Final, onde foi lido o relatório dos respectivos coordenadores de cada mesa temática e as recomendações ou propostas encaminhadas para os organizadores do seminário.

Cada coordenador fez um resumo breve dos debates apresentados. Foram lidas algumas propostas para o próximo seminário:

- 1 – Inclusão da História Oral
- 2 – debate sobre a memória dos anarquistas
- 3 – memória da saúde dos trabalhadores
- 4 – discussão sobre a questão do Arquivo Permanente
- 5 – oficina de projeto para captação de recursos
- 6 – curso de formação arquivística
- 7 – editar um manual
- 8 – publicação de um guia de arquivos
- 9 – página na WEB
- 10 – acervos digitais: como manter e guardar
- 11 – realizar uma exposição dos materiais produzidos pelas entidades
- 12 – ampliar a participação dos estados brasileiros (não tinha nenhum estado do norte)

Minicursos:

- Introdução à organização de centros de documentação e memória
 - Célia Reis Camargo – Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;
- Identificação de tipologias documentais em acervos dos trabalhadores
 - André Porto Ancona Lopez – Faculdade de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília –Brasília – Brasil.

Sobre os minicursos, como se tratou de modo bastante técnico, não relataremos, mas o roteiro da aula está disponível na Internet bastando aos interessados acessar o sitio em que se encontra o material.

Opinião de Mazola:

Pela primeira vez eu participei de um seminário dessa natureza. Dessa forma, devo dizer que foi bastante positiva minha presença, uma vez que entrei em contato com um universo que conhecia somente pela vertente da História enquanto Disciplina Acadêmica, embora muito específica, uma vez que cada pesquisa que realizamos elegemos um fundo de arquivo especializado.

Dessa forma minha análise crítica é bastante limitada em face do pouco conhecimento que detenho no mundo dos arquivos da memória dos trabalhadores no formato que foi apresentado.

Algumas apresentações não foram felizes devido ao manuseio dos dispositivos eletrônicos (PowerPoint) e/ou imagens a fins, além dos problemas na tradução das intervenções dos não falantes da nossa língua para o português, como foi o caso de um francês que teve que traduzir-se a si mesmo para o espanhol.

Fora essas observações, me sinto grato pela oportunidade e dizer que uma nova porta foi aberta no campo acadêmico em que transito como estudante e pesquisador do Mundo do Trabalho.

Opinião de Renato Lima:

Penso que a participação nesse seminário e nos cursos ajudará em nossos trabalhos de organização de um centro de memória do sindicato dos bancários do Rio, tanto pelas técnicas e processos aos quais tivemos acesso quanto pelos contatos, troca de experiências e possibilidades de convênios com entidades também voltadas a esse fim.

Nosso agradecimento a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que participássemos do Seminário, demonstrando confiança em nosso trabalho e compreensão da memória como importante trincheira de luta da classe trabalhadora.

Saudações Sindicais,

Mazola Barreto de Lima

Renato Lima

Rio de Janeiro, 07 de Abril de 2011.